

# 18 de outubro, Dia dos Médicos LUCAS - Padroeiro dos Médicos e dos Pintores

TRACIZO LEONCE PINHEIRO CINTRA

## INTRÓITO

LUCAS, MÉDICO, APÓSTOLO, SANTO, lembrar, sua vida conhecer, é de se bem ocupar, tão recheiada foi de atividades mil, galardoando sua humanidade varonil. ENÉIAS e ÍRIS, gregos, foram seus Pais, pelos Romanos escravizados, e mais: ainda quando solteiros, em pleno vigor, comprados por prisco, Romano Senador.

Casando-se e então libertos da escravidão, ambos bem seguiram de ENÉIAS o patrão, DIODORO, bom filho de PRISCO Senador, então nomeado de ANTIOQUIA Governador, florescente cidade onde LUCAS nasceu, pelo ANO QUINZE antes de CRISTO, que ocorreu; vindo, em data não definida, a falecer, em BITHYNIA, segundo de uns o parecer.

## O MÉDICO

Custeado por DIODORO, do Pai ex-Patrão, que o amava como a um filho, bem do coração, na FACULDADE DE MEDICINA estudou, de ALEXANDRIA, por onde se graduou, tornando-se bom médico, mui dedicado, a realizar notáveis curas destinado. Além do Grego, língua dos Pais conhecer, também Latim, Aramáico, Hebraico, em saber.

Além de muitas curas normais, na aparência, inúmeras milagrosas foram na essência; conta-se que uma epidemia que graçava entre tripulantes do navio em que viajava, com dedicação e ardor LUCAS enfrentou, e feliz e exitosamente a superou. O MÉDICO que era, tornou-se respeitado, e, como tal, cada vez bem mais afamado.

## O APÓSTOLO, EVANGELISTA

Religioso deveras, bem desde criança, passou, firme e sereno, a num DEUS ter confiança, como DEUS único e verdadeiro tomado, entre muitos gregos assim considerado. Indo à PALESTINA, MARIA conheceu; com TIAGO, JOÃO, PEDRO e PAULO conviveu. De PAULO Apóstolo, discípulo formado, em suas viagens o acompanhou, sempre ao lado.

Tornado APÓSTOLO sem a JESUS conhecer, e, também, como exceção, a judeu não ser, à MÃE DE CRISTO homenagens dignas prestou e muito demoradamente a entrevistou, para da vida de CRISTO bem conhecer. Antes de um dos quatro EVANGELHOS escrever. E o "ATOS DOS APÓSTOLOS" em grego compor, a vida de SÃO PEDRO e SÃO PAULO repor.

## O SANTO

Como SANTO, em DEZOITO OUTUBRO festejado, pelos MÉDICOS e PINTORES adotado; PINTORES que, na tela, exaltam a natureza, a vida, a côr, a forma, em toda sua beleza; E o MÉDICO que se empenha em salvar a vida, de amenizar, sempre, a natureza sofrida; deles, por fim, seu PADROEIRO se tomando, aos seus atos e sentimentos inspirando.

Com a vida de SÃO LUCAS assaz impressionada, e após percorrer os locais de sua estada, TAYLOR CALDWEL, escritora renomeada, do SANTO compôs bela obra romanceada. SÃO LUCAS foi, sem dúvida, o HOMEM PERFEITO, merecedor, portanto, do maior respeito. Conceituado, consagrado em todo recanto: MÉDICO, tomado APÓSTOLO, alçado a SANTO.

NOTA: LUCAS, no Grego "LOUKAS", no Latim "LUCANUS".

## AGRADECIMENTO:

Agradece-se ao Colega HENRIQUE LEVY, pessoa que, faz muitos anos, conheci, pelos dados sobre LUCAS a mim fornecidos, tomando meus versos menos empobrecidos.

# Departamento de Medicina

Durval Rosa Borges

## Primórdios do ensino de Clínica Médica

Este período vai de 1936 até 1948. Fundada em 1933, a Escola Paulista de Medicina iniciou o ensino de clínica médica em 1936, para a 4ª série da primeira turma, com a disciplina de Clínica Propedêutica Médica, sob a regência de Jairo Ramos. Completava-se com o ensino na 1ª Clínica Médica, sob a regência de Octávio de Carvalho para a 5ª série e na 2ª Clínica Médica, sob a regência de Álvaro de Lemos Torres, para a 6ª série do curso. As primeiras aulas práticas de propedêutica foram ministradas no Hospital Humberto Primo (depois Hospital Matarazzo), pois apenas em junho de 1937 foi inaugurado, no campus da Rua Botucatu, o Pavilhão Maria Thereza de Azevedo, com dois andares e 60 leitos.

No final de 1940 o Hospital São Paulo já possuía quatro andares em funcionamento, e o "Maria Thereza" destinou-se ao atendimento ambulatorial, e pode acolher o Centro Acadêmico Pereira Barretto. Onde esteve o "Maria Thereza" ergue-se hoje o Edifício Octávio de Carvalho, que abriga a Reitoria, anfiteatros, laboratórios de aulas práticas e Departamentos Administrativos. Com a morte de Lemos Torres em 1942 a cátedra da 2ª Clínica Médica, após concurso de títulos, foi assumida por José Barbosa Corrêa, que faleceu em 1948.

## Criação e consolidação do Departamento

Este período vai de 1949 a 1965. Com o falecimento de Barbosa Corrêa ficara vaga a Segunda Cadeira de Clínica Médica. Em março de 1949, em reunião da Congregação, Jairo Ramos sugeriu que, em lugar de preencher a cadeira vaga, "havia chegado o momento oportuno para a Escola Paulista de Medicina resolver se havia ou não conveniência da criação de seus

Departamentos, iniciando pela Clínica Médica". O Departamento a ser criado substituiria três cadeiras curriculares (Clínica Propedêutica Médica, Primeira Clínica Médica e Segunda Clínica Médica), ficaria sob a chefia de um único professor titular e seria integrado por professores adjuntos, assistentes e instrutores. O Departamento teria no mínimo um professor adjunto para cada disciplina.

A proposta de Jairo Ramos foi aprovada por unanimidade pela Congregação da Escola Paulista de Medicina e encaminhada ao Ministério da Educação, que a aprovou. A Congregação, em outubro de 1950, autorizou então a criação do Departamento de Clínica Médica e elegeu Jairo Ramos para sua direção. O Departamento iniciou oficialmente suas atividades dia 9 de junho de 1951, quando a EPM completava 18 anos de existência. Sua composição inicial refletiu a recente fundação de sociedades nacionais de especialidades médicas: a Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia em 1937, a Sociedade Brasileira de Cardiologia em 1943, a Sociedade Brasileira de Patologia Clínica em 1944, o Colégio Brasileiro de Radiologia em 1948, a Federação Brasileira de Gastroenterologia em 1949, a Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia em 1950 e a Sociedade Brasileira de Hematologia, também em 1950. Em 1950 realizou-se em São Paulo a primeira transmissão de televisão no Brasil. Em 1951 foram criados o Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a Associação Médica Brasileira e realizou-se a 1ª Bienal de Artes Plásticas de São Paulo. O Ministério da Saúde foi criado em 1953 e a Associação Paulista de Medicina já existia desde 1930.

Não foi incorporada ao Departamento, como inicialmente proposto, a cátedra de Octávio de Carvalho. Por entendimento havido entre Jairo Ra-

mos e Octávio de Carvalho a Cadeira de Primeira Clínica Médica passou a funcionar na sexta série, ficando assim o Departamento responsável pelo ensino nas quarta e quinta séries do curso de medicina.

Com menos de dois anos de existência o Departamento passa por momento de tensão. Em sua reunião de dezembro de 1952 a Congregação avalia correspondência encaminhada ao Diretor da EPM (naquele momento Jairo Ramos), na qual Octávio de Carvalho faz críticas à atuação do Departamento, que estaria tirando autonomia de sua Cadeira de Clínica Médica e sendo ineficiente no ensino. Octávio de Carvalho afirmava que aos alunos "ensinam-lhes filigranas de electrocardiografia e cateterismo cardíaco, quando não sabem manejar a *digitalis* à cabeceira do doente". A Congregação considerou, por unanimidade, improcedente a denúncia de Octávio de Carvalho, convencida de que este, apesar de ter sido o catalisador da fundação da EPM, perdera o passo com os avanços da ciência biomédica e com as necessidades da prática médica.

À época da federalização da EPM, ocorrida em 1956, o Departamento recebeu auxílio da Fundação Rockefeller, o que permitiu a instalação de laboratório de pesquisa, propiciou estágio no exterior para jovens docentes assim como o pagamento de "tempo integral geográfico" para docentes mais experientes. Criavam-se no Departamento núcleos de pesquisa clínica e bases para a estruturação dos programas de Residência Médica (iniciados em 1957) e de pós-graduação *stricto sensu* (credenciados na década de 1970).

Em abril de 1964 a Congregação da EPM nomeou uma comissão, composta por Jairo Ramos, José Maria de Freitas e Otto Bier para estudar a reestruturação departamental. Esta reestruturação reconheceu departamentos já existentes e incorporou, em 12 departamentos, as cátedras ainda isoladas. Foi o fim formal

# completa 50 anos: E agora?

das cátedras. Como consequência desta reestruturação, em abril de 1965, foi constituído o primeiro Conselho do Departamento. Dirigido por Jairo Ramos (professor catedrático), tinha como membros natos os seis "livre-docentes integrados no ensino do Departamento" (Horácio Kneese de Mello, Sílvio Carvalhal, Italo Le Voci, Octávio Ratto, Oswaldo Ramos e Moacyr de Pádua Vilela) e como representantes eleitos dois Assistentes (Marcello Pio da Silva e Mansur Gebara) e um representante dos Instrutores de Ensino (Rogério de Freitas Guimarães).

Desde a criação até sua aposentadoria Jairo Ramos chefiou o Departamento. Os eventos mais importantes deste período eram as atividades desenvolvidas nas enfermarias gerais (de homens e de mulheres) que culminavam com as visitas semanais de Jairo Ramos, os simpósios sobre temas médicos ou de cultura geral (com

freqüência com a participação de convidados de fora da EPM) e a concorrida reunião clínica semanal das quintas feiras. Paralelamente ocorria a nucleação de grupos de pesquisa e a formação de recursos humanos de excelência, bases para a consolidação das Disciplinas.

Jairo Ramos foi aposentado no último dia útil de dezembro de 1965. Em reunião realizada no primeiro dia útil de janeiro de 1966, com a presença de Jairo Ramos, o Conselho do Departamento toma conhecimento de sua aposentadoria compulsória e escolhe, para dirigi-lo, Horácio Kneese de Mello.

## A mudança de nome

Durante o processo de reestruturação departamental o Departamento de Clínica Médica muda de nome e passa a denominar-se Departamento de Medicina. O relatório da comissão, nomeada pela

Congregação especificava que "são mantidos os Departamentos de Clínica Médica (Medicina) e de Clínica Cirúrgica (Cirurgia), com a atual estruturação". Pela primeira vez, em documento oficial, aparece o Departamento com sua denominação atual de Departamento de Medicina.

A mudança de nome do Departamento, assumindo nomenclatura usual nas universidades norte-americanas, refletiu a influência que, após o final da II Grande Guerra, os EUA passaram a exercer na medicina e no ensino médico brasileiros e o auxílio que o Departamento recebera da Fundação Rockefeller. A mudança de nome do Departamento serviu também para diferenciá-lo da situação anterior (comum nas demais escolas médicas do país) onde existiam mais de uma cátedra de Clínica Médica e, principalmente, para marcar a importância crescente que as Disciplinas adquiriam.

## O Bambual

Paulo Fraletti

Quem de Pereiras vai a Sorocaba  
Pela Castelo Branco - longa seta  
Da esperança,  
A meio do caminho, à sua beira,  
Há um longo bambual de altos colmos  
Que lá em cima pendem como braços  
De exaustos caminhantes de cansaço  
Detidos no caminho  
Pois nunca chegam onde ele acaba.

Mas dão também, às vezes, a impressão,  
Os bambus altos, com hastes pendidas,  
De velhos tristes,  
Que de tanto passar por desenganos,  
Presentindo que a força os esmoreça,  
Deixam cair no peito  
A pesada cabeça...

À caminho de Sorocaba, 11.8.98

## Andorinhas e Pardais

Paulo Fraletti

As andorinhas voam um vôo suave,  
Em círculos, ao alto, ou rés-do-chão,  
Parecem mais, ao mar com uma nave,  
Que uma ao lado de outra vão  
A singrar  
Devagar.

Já os pardais parecem-se no espaço,  
A raios pelo espaço a voar,  
Ou, como flechas fortes como o aço,  
De asas ferindo o próprio ar.  
E vão e vem...  
Nada os detêm.

Os homens são assim: ora andorinhas,  
Trêfegos outras vezes, quais pardais,  
Todos iguais  
Às avezinhas.

Jacyr Pasternak, Vicente Amato Neto e  
Walter Nelson Cardo

O doutor encontrou muito tipo estranho em sua vida; mas alguns extrapolam. O Demócrito, por exemplo.

- Ele tinha sido na adolescência o paradigma de tudo que um adolescente chato pode ser; a adolescência dele durou até os 30 anos, quando criou vergonha e começou a trabalhar.

Tinha um pai rico ausente – aqueles executivos que hoje estão em São Paulo; amanhã em Brasília, puxando o saco dos poderosos de plantão; e, depois de amanhã,

*“Guiou carro aos 12 anos, levou a primeira multa aos 13, quando tentou subornar um guarda...  
Trombou pela primeira vez aos 14 anos; a segunda, aos 14 e meio; e a terceira, que destruiu o BMW da família, aos 15. Desta vez o pai ficou tão bravo que comprou um Gol para ele...”*

descolando um crédito para um pobre ruralista e cobrando uma bela comissão. A mãe era uma pobre senhora do lar – a ser lido dólar, moeda pela qual tinha verdadeira paixão, mal correspondida. Adorava passar um fim de semana em Miami, gastando as comissões que o marido ganhava, e sem o moleque para atrapalhar.

O Demócrito criou-se ao Deus dará e como a Deus foi servido – se é que Deus quis se dar ao trabalho de olhar por ele.

Guiou carro aos 12 anos; levou a primeira multa aos 13, quando tentou subornar um guarda com a grana de uma comissão, que o pai havia arrancado da União Democrática Ruralista. Trombou pela primeira vez aos 14 anos; a segunda, aos 14 e meio; e a terceira, que destruiu o BMW da família, aos 15.

Desta vez, o pai ficou bravo. Tão bravo que comprou um Gol para ele, só para o sem-vergonha não pegar os carros dele e da mãe. Logo depois, o Demócrito fez um gol de letra, num poste. Aí, foi diminuído,

ganhando um Corsa – segundo ele, carro de veadinho. O carro era vermelho, foi apelidado de Bambi e logo demolido pelo Nissan de um amigo, quando o Demócrito foi idiota suficiente para entrar num racha com o seu carrinho.

Nessa altura, o Demócrito já havia cheirado cola, graduado em maconha, pós-graduado em crack e em cocaína endovenosa, cuja baque ele apreciava sobremaneira, especialmente na hora de cantar umas meninas finíssimas da boca-dolixo, que davam de graça para quem fornecesse uma droga decente. Ficou cismado com a cocaína, porque, às vezes, com uma destas meninas, muito das boas e que fazia de tudo, ele falhava.

Entretanto, com a típica paranóia da cocaína, atribuía as falhas a mau-olhado, falta de colaboração adequada e outras coisas deste tipo.

Com as dificuldades tradicionais com os fornecedores de cocaína, o Demócrito começou a passar nos cobres muitas coisas da família. Como o pessoal tinha demais, e nem sabia muito bem quanto tinha, até o terceiro aparelho de som e a quinta secretária – eletrônica, sumiu tudo numa boa. O problema é que tudo foi quase de graça e o Demócrito logo percebeu que fornecedor de cocaína até que dá crédito, mas o juro é quase tão extorsivo, como o de nossos queridos banqueiros oficiais e, se não pagar, a equipe é finíssima: avisa somente uma vez e, se ainda assim a dívida não for resgatada, você acaba sem rótula, sem fêmur, ou sem aquela parte mais importante da anatomia.

Claro que, num belo dia, o pessoal percebeu, resmungou e internou o Demócrito no sanatório para drogados. Ele se divertiu muito, no que chamou de “spa para vagabundos”; e comeu muitas meninas, igualmente lá colocadas por famílias que não sabiam o que fazer com elas.

Quando o pessoal do sanatório pegou o Demócrito usando cocaína numa roda lá mesmo, perdeu a paciência e deu-lhe alta.

A família do Demócrito achou outro lugar que cobrava ainda mais caro e que agüentou o Demócrito até quando deu.

# O médi

Assim, o Demócrito passou quatro a cinco anos entrando e saindo de hospitais psiquiátricos, fazendas-sanatório, grupos de apoio, e outros nomes que se referiam basicamente às mesmas coisas.

O Demócrito levava os colegas à hilaridade ao imitar, com perfeição, o jargão psiquiátrico – dizia que, para enganar um psiquiatra, era só fazer uma frase com mais de 5 verbos, 15 predicados e que acabasse com a palavra consciência, ou conscientização, ou algo igualmente significativo.

A vida do Demócrito mudou quando o pai dele infartou bonito na ponte-aérea São Paulo – Brasília e morreu lá em cima mesmo, economizando, como ele disse clinicamente, a caminho para o céu, já que a alma do velho estava mais próxima. Isso se fosse para o céu; se o destino fosse outro, teria de andar um pouco mais que o normal, já que, ao que parece, a direção é a oposta... De repente, o Demócrito percebeu que a fonte de financiamento havia secado. O pai não fez testamento, mas tinha muitos rolos correndo e rolando, e a mãe era tão tonta que, de repente, ele percebeu que tinha muito pouco. Muito menos do que precisava para manter o consumo de cocaína e para manter as meninas com as quais ele estava habituado – se bem que, cada vez mais, elas só serviam de decoração porque, na hora do vamos ver, nada...

Felizmente, um amigo do pai sugeriu que o Demócrito fizesse o que o pai dele fazia, ou seja, nada e tudo. O pai era perito em apresentar o ruralista ao ministro, ou o dono de fábrica, quase falindo, ao governador; estas coisas que fizeram o Brasil ser o que é.

O Demócrito percebeu que era bom nisso. Bom demais. Ele sabia que o empresário, sozinho em Brasília, precisa de companhia feminina, disponível por preço módico, e, às vezes, de uma ajuda farmacológica para tolerar as imponderáveis decisões do nosso Congresso, do nosso Judiciário e do nosso não-Executivo.

Rapidamente, o Demócrito ganhou muito – talvez mais que o pai dele na mesma função. O diabo é que este tipo de tra

# o genial

balho impede você de consumir o que fornece aos outros, porque, senão, não consegue se organizar – e, assim, o Demócrito se livrou do vício com muita facilidade. Aliás, ficou surpreso porque sentiu-se melhor, sem suas paranóias e, melhor ainda, porque voltou a desempenhar-se bem com as meninas, pelo menos na maior parte das vezes.

Nessa hora, o Demócrito achou que tinha sido algo de milagroso o que lhe sucedera, e encontrou Deus. O Deus do Demócrito vivia especialmente para salvar o dito cujo. Ele não só o fez ver a “luz”, como, quando tinha uma pequena recaída no vício, o salvava de novo – o que acontecia com frequência.

Todos os domingos, o Demócrito ia na sua igreja evangélica e cantava os hinos com grande fervor, para alegria e deleite do pastor.

Numa noite de verão – quando os dois bebericavam um pouco de uísque, um pouco de cerveja, um cálice de licor e, depois, um pouco de cocaína – o pastor confessou que ele também tinha tido uma vida pregressa, antes de Jesus o salvar, meio agitada.

Com o tempo ficaram amicíssimos e o pastor convenceu o Demócrito a pagar o dízimo, como garantia de um lugar no céu. Isto, segundo ele, era especialmente adequado a pecadores emperdenidos, mas arrependidos, que, vez ou outra, pecavam de novo – o Demócrito escrito.

O Demócrito pagou o dízimo durante quatro anos, quando começou a emagrecer e procurou o doutor que, naturalmente, fez uma sorologia para o vírus da imunodeficiência humana, que, sem surpresa, foi positiva.

O Demócrito tratou-se direitinho, mas foi azarado. A doença respondeu mal ao tratamento e, em apenas quatro anos, surgiu uma encefalopatia brava, que o transformou em um vegetal.

O pastor deu-lhe todo apoio durante a terrível doença, chegando a ir ao consultório do doutor em algumas consultas e, numa ocasião, disse: “este nosso irmão há de atingir a cura, pela glória de Jesus, para o qual tudo é possível!”

Pode ser! – mas Jesus não quis. Até pelo contrário. O Demócrito deu um azar dos bons na sua evolução e morreu, deixando grande parte dos seus bens para a igreja.

Felizmente, já havia pago a conta do doutor (tem muita gente que esquece).

Um belo dia, estava o doutor no seu consultório quando lá apareceu o pastor. Com a Bíblia debaixo do braço. Não só a Bíblia, mas também dois grandes gânglios axilares.

Estava magro e com febre, sudorese e uma coisa na pele.

O doutor perguntou dedicadamente:

- Pastor, posso pedir um anti-HIV?

- Claro, doutor. Não vai dar nada.

Deu! Positivo, confirmado, indubitável.

O pastor recebeu a notícia impávido.

Pegou a prescrição e perguntou:

- Doutor, como é que eu peguei isso?

O doutor, discretamente, indagou:

- O senhor já tomou alguma transfusão?

- Não, doutor: Isso é coisa do demo...

- O senhor já usou droga?

- Nunca, doutor. Isso é coisa do demo...

- O senhor já teve sexo sem ser no seu

casamento?

- Jamais, doutor. Isso é coisa do demo...

- E relação homossexual; algum dia?

- Nunca, doutor. Isso é coisa do demo...

O doutor coçou a cabeça.

- Pelo que o senhor me conta só pode ter pegado do demo.

O pastor, pálido, exclamou:

- Doutor, como é que o senhor sabe?

Estavam falando de demos diferentes.

Neste caso não era a belzebu que o pastor se referia, mas ao falecido Demócrito – Demo para os íntimos.

O pastor tomou os remédios direitinho e, felizmente, está indo muito bem: vivo, forte, trabalhando e pregando. Continua sob controle, indo todo mês ao consultório do doutor, que ele considera um médico genial: não só diagnostica com segurança a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana, mas é capaz de saber quem foi que o transmitiu...

**Jacyr Pasternak, Vicente Amato Neto  
e Walter Nelson Cardo**

*Médicos e professores universitários*

## Soneto Triste

José Rodrigues Louzã

Está muito triste, hoje, o meu soneto!  
A mesma fachada, a mesma doceira  
na rua, olhei a menina faceira,  
e ouvi novamente os sons do coreto.

Parei frente ao prédio onde as minha férias  
eu passava com filhos e parentes.  
Recordei-me dos amigos ausentes,  
dos jantares, dos chopes, das pilhérias.

das prazenteiras noitadas de sábado,  
brincando com os de nossa amizade.  
Passa o tempo ... A vida, de dedo em riste,

aponta o caminho que está traçado.  
E eu recordei... E veio uma saudade  
E o meu soneto ficou muito triste...

# Porque me orgulho de ser médico

Hudson Hübner França

Há longos anos vivo a medicina, intensamente, em largueza e profundidade, como clínico e professor.

Vivi momentos de alegria e glória inauditas; vivi, também, o cansaço e a angústia mais profundos.

E agora, depois desse tempo, desse longo tempo de trabalho e emoções, eu posso lhes dizer com certeza, com tranqüilidade, que a medicina é uma experiência de vida que merece ser vivida.

Medicina não é apenas uma profissão. É mais que isso.

Medicina é uma filosofia de vida. É a vivência de um relacionamento interpessoal, carregado de inteligência e afeto, capaz de proporcionar a quem a exerce, sua realização não só no campo profissional mas também, no pessoal, familiar e social.

E o meu desejo, o meu voto, é para que a medicina lhes dê – a vocês, caros formandos – pelo menos, tudo aquilo de bom que ela me deu.

Ser médico é viver intensamente a vida, é ter uma compreensão, um sentimento peculiar do homem e do mundo e, talvez, até mesmo, uma outra visão de Deus.

O médico, por sua ciência e arte, faz coisas que o diferenciam dos seus semelhantes.

Por isso, com freqüência, dizem que nós,

médicos, somos orgulhosos.

Sim, eu sou orgulhoso!

Não o orgulho vazio dos que pouco sabem e pouco têm para dar.

Não o orgulho estéril, que nada produz, e que não passa de arrogância disfarçada.

Tenho orgulho dos meus muitos e densos anos de trabalho e estudo.

Tenho orgulho das milhares de pessoas que atendi: daquelas que pude curar, daquelas cujo sofrimento, apenas, consegui minorar. Tenho orgulho das vezes em que apesar da doença ter sido mais forte que meus conhecimentos e habilidades, mesmo assim, nos familiares ficou o sentimento de gratidão pelo esforço e dedicação dispensados ao ente querido que se foi.

Tenho orgulho dos meus alunos. Tenho orgulho dos ex-alunos que se foram e, que hoje, com sua presença, levam a todos os cantos da Pátria um pouco de mim, um pouco do que lhes transmiti como saber e comportamento.

Tenho orgulho dos meus colegas – na grande maioria, pessoas simples, sérias, competentes – que trabalham duro e por imensas horas.

Homens cansados.

Médicos tensos pela incerteza de um diagnóstico, angustiados pela má resposta a um tratamento, amedrontados pela possibilidade de cometer um erro que pode ser fatal. Médico de poucas horas de

descanso, de férias adiadas, de férias interrompidas; médico que apesar de muito trabalho, tem dificuldade para trocar o carro, comprar sua casa e, até mesmo, manter os filhos na escola.

Médico que envelhece e se aposenta com um salário ridículo.

Homem que, apesar de tudo, trabalha com dedicação e, quase sempre com alegria de viver.

Tenho orgulho porque faço coisas que meus semelhantes não conseguem fazer. Tenho orgulho porque faço coisas que são consideradas atributos dos deuses ou daqueles que estão próximos da divindade.

Com minha ciência, com minha arte, sou capaz de fazer com que surdos ouçam, que mudos falem, que coxos andem, que cegos vejam.

Sou capaz de aliviar a angústia e a dor. Sou capaz de limpar as chagas do leproso.

Com sondas, fluidos e fórmulas mágicas, penetro no coração dos homens, desvendando seus mistérios e exorcizo os demônios que dele se apossaram.

Mais que isso: se eu soprar na boca de um homem que acabou de morrer, sou capaz de repetir o gesto divino, descrito no Génesis, e trazê-lo de novo à vida.

Sim, eu sou orgulhoso!

Hudson Hübner França  
médico, professor universitário

## O Fazedor

Caetano Lagrasta

Faço poemas  
Como quem se despede  
Neles pergunto  
Como se passageiro fosse  
Do amor e da morte;  
Informações do último avião  
Seus horários  
Certeza da passagem e do adeus

## Reprise

Caetano Lagrasta

Indiferente examino  
Cenários que tombam  
Enquanto caminho por bastidores  
Espaços escuros do filme já visto  
  
Na sala vazia,  
Papéis amassados, poeira, ranço e pipocas  
Desdenham final feliz

# Giorgi Vasari: primeiro crítico de arte

Duilio Battistoni Filho

Giorgi Vasari nasceu a 30 de julho de 1511 em Arezzo, Itália. Pertencia a uma família de artesãos oleiros, cujo nome deriva de vasi. Na sua cidade natal recebeu os rudimentos do humanismo, baseados no conhecimento do latim, completando-os, mais tarde, em Florença, sob o patrocínio dos Médicis. Sentindo vocação para a pintura, estudou as obras de Rafael e aprendeu o desenho e a pintura com Miguel Ângelo. Viajou por toda a Itália para atender a encomendas de pintura, ou para coletar documentos, ou observar as obras de arte com vistas à sua obra histórica. De sua lar-

*"A perfeição, contudo, estava reservada a Roma. Esse dogma do desabrochar das artes sob a romanidade só será invertido a favor dos gregos por Johann Winckelmann, no Século XVII"*

vra destacam-se os gigantescos conjuntos pintados, como a Sala dos Cem Dias, cenas da vida de Paulo III, batalha de Lepanto, e outros no palácio da chancelaria do Vaticano em Roma e, em Florença, a obra arquitetônica do palácio Uffizzi, assim como os afrescos do palácio Vecchio

onde conta a história dos Médicis.

No seu entendimento, apenas duas cidades se destacavam na Itália como centros de cultura: Roma e Florença. Isto provocou grandesciúmes nas demais a ponto de seus trabalhos serem mal recebidos. Sua preocupação era legar à posteridade um levantamento completo de artistas do Renascimento. Para isto fez inquirições em toda a Itália, procurou ler seus predecessores, serviu-se dos guias italianos e fez pesquisas sérias em arquivos florentinos. Não desdenhou a Literatura, nem a História, apoiando algumas de suas deduções em uma análise morfológica dos monumentos.

Depois de reunir uma notável documentação acerca de artistas de seu tempo, escreveu seu livro mais célebre, *Le vite dei piu celebri pittori, scultori e archi-*

*tetti*, obra dividida em 87 breves biografias, cobrindo o período desde os primeiros afrescos de Cimabue, em meados do século XII, até o maneirismo do próprio Vasari e seus contemporâneos, entre os quais se destacava aquele que na sua concepção representaria o ponto de chegada de tudo aquilo que se tinha feito antes, isto é, Miguel Ângelo.

A primeira edição foi publicada em 1550 em dois volumes in-quarto de 992 páginas, impressa por um editor flamengo instalado em Florença, cujo nome fora italianizado para Lorenzo Torrentiano e dedicada ao grão-duque Cosmo. Uma segunda edição veio a lume em 1568, desta vez em Veneza, impressa por Jacopo Giunti, em três volumes in-quarto de 1012 páginas. O título foi ligeiramente modificado: as vidas foram aumentadas com os retratos dos artistas e o acréscimo das vidas dos artistas vivos e mortos de 1550 a 1567. As novidades dessa edição diziam respeito sobretudo a artistas vivos que o autor proscreeva da primeira edição, à exceção de Miguel Ângelo. Também inseriu sua própria biografia. Para ele havia uma distinção entre as artes maiores e as menores: na introdução geral enaltece a arquitetura, escultura e pintura, entre as primeiras; e a ourivesaria e a gravura, entre as segundas, apesar de agradá-lo a obra do ourives Cellini.

Utilizando o velho método escolástico da disputatio, faz intervir sucessivamente os protagonistas e seus defensores para concluir que a pintura e a escultura são na realidade irnãs, nascidas de um mesmo pai, o desenho.

O grande mérito de Vasari, além da óbvia função histórica de esclarecer a técnica e a evolução da obra de cada um dos biografados, é mostrar o contraste entre a obstinada tentativa de se atingir a perfeição artística numa época inteiramente dominada por guerras, pestilências, assassinatos políticos, e arbitrariedades religiosas.

A impressão que se tem ao ler sobre a naturalidade das figuras de Ma-

saccio ou dos jogos de geometria e perspectiva de Piero della Francesca é que, ao longo desses turbulentos três séculos, a arte se tornou o centro das preocupações da humanidade e representou a mais importante forma de resistência contra a selvageria e a intolerância. Desse modo, ao mesmo tempo em que numa sala do Vaticano fazia-se um processo de Inquisição, em outra Rafael ou Miguel Ângelo estavam delineando as mais belas formas criadas pelo homem.

Ao criar um novo gênero literário, a crítica, Vasari buscava restituir a personalidade de cada um dos artistas, definindo o seu temperamento. Isso dá vida à leitura de seu livro. Não escreveu a história da arte, mas o romance da história da arte. Sua obra tem o vôo, o sopro lírico e o férvido patriotismo daqueles que amam a verdadeira cultura.

Apesar de constituir-se de uma sequência de biografias, segundo o método inaugurado na Antiguidade para a qual a História era feita pelos indivíduos e não pelos povos, não faz dela uma coleção disparatada de retratos. As narrativas dessas vidas se sucedem segundo uma gradação que lhe permite seguir até o fim uma linha diretiva, com observações pessoais e pertinentes análises das obras. Ademais ordenou sua exposição segundo um ritmo que, diz ele, rege todas as obras vivas, quer sejam as da natureza ou as dos homens: infância, maturidade e declínio.

A infância, Vasari vai encontrá-la, especialmente na arte do desenho, entre os egípcios e caldeus, que transmitiram aos gregos seus primeiros resultados. Na Grécia, a escultura e a pintura, fundadas na imitação da natureza, se desenvolveram maravilhosamente.

A perfeição, contudo, estava reservada a Roma. Esse dogma do desabrochar das artes sob a romanidade só será invertido a favor dos gregos por Johann Winckelmann, no século XVIII.

O segundo período, o da maturidade, começa com o Quatrocentos que

**continua...**

... tem suas bases na tradição gótica e no gênio nacional italiano, sendo o estudo da arte antiga apenas subsidiário. No Cinquecento a arte alcança a perfeição com uma variedade de expressões. Aqui Miguel Ângelo permanece como modelo insuperável, mais elevado na escala da perfeição que os próprios antigos. Vale ressaltar que, para Vasari, a estátua Davi é o maior monumento escultural erigido pelo renascimento clássico em Florença. Exerceu um fascínio peculiar sobre os florentinos, como símbolo do triunfo da liberdade sobre a tirania. Destinada a figurar na praça principal, implicava insinuações de desafio político por parte da república florentina. Entretanto, a estátua era mais que isso. Sua gigantesca figura masculina desnuda arriscava uma comparação bem sucedida com aquelas estátuas de deuses e heróis na antiguidade greco-romana. Para o crítico, o Davi roubara o ribombar de todas as estátuas, antigas, gregas ou latinas.

No último período, o do declínio, aparecem os maneiristas, expressão que provém de maneira – que significa, estilo, e poderia implicar estilizações com sugestões de graça, refinamento e facilidade. Bella maniera foi inicialmente aplicada neste sentido ao estilo de arte produzida por Rafael e seus seguidores. Foi também empregada na descrição da multiplicidade de meios artísticos pelos quais

as extraordinárias criações do período 1500-20 foram assinaladas e desenvolvidas durante os anos subsequentes. O maneirismo não representava um estilo artístico de grande riqueza inventiva, e sim uma contagiante posição de protesto, especialmente a obras da Alta Renascença.

Um aspecto interessante da obra de Vasari é o anedótico de suas narrativas. Aqui se encontram desde as burlas de Botticelli, que cobriu com cera os rostos dos anjos pintados por um dos seus alunos por achá-los feios, até a irascibilidade de Donatello, que atirou uma estátua pela janela quando um mercador genovês recusou-se a pagar o preço combinado. A partir dessas anedotas é possível compreender a condição de vida dos artistas e as vicissitudes a que estavam sujeitos.

Outros aspectos pitorescos da obra do aretino devem ser assinalados pelo seu modo inusitado, como por exemplo, quando Giotto traçou um círculo perfeito sem a ajuda de compasso diante do cortesão papal e enviou-o a Benedito XI, ganhando imediatamente a encomenda de um afresco para decorar uma igreja. Conta-se também que o pintor Paollo Uccello fugiu e interrompeu os trabalhos no claustro da abadia de São Miniato porque os frades só lhe davam queijo para comer. Há o caso de Miguel Ângelo que, revolta-

do contra o banimento dos Médicis de Florença, esculpiu um cupido de mármore e envelheceu-o artificialmente para que fosse vendido como peça de antiguidade. Devemos a Vasari o nome dado a Fra. Giovanni de Fra. Angelico, pois achava que este artista pintava como um anjo.

Desiludido e vítima de inveja, Vasari morreu em Florença em 1574 e foi sepultado na capela de S. Giorgio da mesma cidade. Para concluir, sua obra infelizmente não está tra-

duzida para o português. De todas as edições disponíveis, a mais completa não é a italiana e sim a francesa em 12 volumes repletos de ilustrações e comentários publicados recentemente pela Berger-Levrault.

“ No último período, o do declínio, aparecem os maneiristas, expressão que provém de maneira – que significa estilo e poderia implicar estilizações com sugestões de refinamento ”

Duílio Battistoni Filho  
é membro titular da Academia  
Paulista de História

## Lapa Revisitada

Caetano Lagrasta Neto

Trens disfarçados de bondes  
Arcos de luz  
Ruas imóveis de sambistas  
Dolentes, sumidos.

Memória de menino  
Malandragem antiga  
Praia distante  
Solidão de amigos

Velho casarão  
Vestido de azul  
Pátio vazio, andaluz  
Corredores sórdidos

Do antigo pouco resta  
Na memória em dissipação

## DEPARTAMENTO CULTURAL

**Diretor:**  
Guido Arturo Palomba

**Diretor Adjunto:**  
Sérgio Pereira da Cunha

**Conselho Cultural:**  
Duílio Crispim Farina (presidente);  
Carlos Alberto Salvatore  
Antônio Valdemar Tosi  
Marisa Campos M. Amato  
João Marques Teixeira  
Yvone Capriano

**Cinemateca:**  
Wilmer Botura Júnior

**Pinacoteca:**  
Aldir Mendes de Souza

**Museu da História da Medicina:**  
Jorge Michalany